Ano V — Sábado, 12 de Abril de 1930 — N.º 312

Publicação periodica de quatro em quatro sábados

Redacção, Administração e Oficinas: Tipografia Fernando Marinho — BARCELOS

PROPRIEDADE DA EMPREZA «A OPINIÃO»

A OPINIÃO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

Director e editor MANOEL MARINHO

PREÇO DE ASSINATURAS

POR ANO

Barcelos... ... ... 24$00
Provincia. ... ... 25$00
Estrangeiro... ... 50$00

Avençado

O JORNAL DE MAIOR EXPANSÃO DO CONCELHO DE BARCELOS

Politica vêsga

Devem ter estranhado os leitores o silencio feito sobre a formação, em Barcelos, dum nucleo da Mocidade Republicana do Norte, depois do entusiasmo com que lançamos e defendemos essa ideia.

De facto, o nosso silencio deve ser digno de reparo por parte daqueles que, desconhecendo o meio em que vivem, mas sendo sinceramente republicanos, desejariam concorrer para a realização duma obra que tinha por unico fim defender e prestigiar a Republica.

Porque nós partimos do principio de que em Barcelos ha realmente alguns republicanos dedicados, capazes de se sacrificarem pela causa que constitui o seu ideal. Não serão muitos, mas ainda haverá alguns. E é unicamente a esses que devemos uma explicação porque os dubios e indiferentes não nos interessam.

Infelizmente, porém, é necessário confessá-lo, a Republica em Barcelos está ainda por fazer. E, se a ditadura militar não houvesse tido o bom-senso de pôr à frente do municipio alguns homens republicanos, ha muito que estariamos sendo mandados por monarquicos.

Não sabemos se os senhores se lembram desse afastado tempo em que se proclamou a Republica em Barcelos, naquele remoto dia de 6 de Outubro de 1910. A' volta do grande e saudoso republicano, Dr. Martins Lima, enfileiraram apenas alguns rapazes, o escol da mocidade do tempo, cujo cérebro se abria ás ideias novas que iluminavam o mundo e que então começavam a despontar em Portugal.

Os politicos do velho regime, na vespera ainda, gritavam em alta voz nos cafés que a Revolução estava sufocada, que a monarquia mais uma vez escaparia á arremetida, que o trono se encontrava seguro, que tudo que se dizia em contrario não passava de boatos tendenciosos.

Um emissário do Porto, que apareceu ai com a missão de fazer saltar a ponte, se viessem tropas do Norte, esteve para ser metido na cadeia pelo administrador do tempo. No dia seguinte, esses politicos cochichavam ainda pelos recantos escusos, manifestando a sua fé numa reviravolta.

E ao realizar-se, na redacção do *Despertar*, a sessão solene a que presidiu o dr. Martins Lima, um oficial murmurava aos ouvidos de dois jornalistas do Porto que ia dizer duas palavras em homenagem ao velho republicano, mas que não tomassem essa atitude á conta duma adesão.

Não obstante, passados momentos, o ultimo administrador monarquico era o primeiro a caminhar ousadamente para o novo sol que se levantava, e o oficial cauteloso não duvidava rasgar o seu juramento de fidelidade ao rei, substituindo-o por uma categorica e terminante profissão de fé republicana.

Passados dias, como se visse que *a coisa pegava*, os politicos vieram-se chegando tambem e daí a pouco estavam arvorados em chefes. E foram esses, e todos os outros, não só os que ficaram mandando mas os que açambarcaram os melhores postos e as mais grossas postas do novo regime. Eram todos republicanos terriveis, e assim se foram mantendo até que, no 19 de Janeiro, ao proclamar-se a monarquia do Norte, houve um estremecimento geral e tudo começou a arrepiar caminho...

E são esses os que ainda hoje estão no poleiro. Alguns não são, nunca foram republicanos. Andaram e andam sempre ao sabor das circunstancias. Fazem *volte-face* sempre que os ventos mudam. Teem estreitos entendimentos com os inimigos do regime. O que pretendem é mandar, nem que a força lhes venha dos adversarios, com os quais estão sempre combinados, para o que der e vier.

Importam-se eles bem com a Republica! Com quem eles se importam é com os republicanos *de verdad*, porque os temem. Se ousam levantar o braço, não é para defender o regime, que só pretendem sugar, mas para amordaçar, para esmagar os seus verdadeiros defensores, pelos precalços e contratempos que destes lhes podem advir.

Os republicanos, para essa gente, são os verdadeiros inimigos, e votam-lhes um ódio vêsgo, mortal, testemunhado sempre que a ocasião se proporciona.

Ora, se a Republica em Barcelos continua a ser manobrada pela escumalha com que a conspurcou o velho regime, como ha-de ser possivel fazer, tentar ao menos fazer uma verdadeira obra republicana?

Não se faz, porque os mandões não querem, porque aos mandões não convem.

Sendo assim, e desde que os que se dizem republicanos querem continuar a ser levados pela arreata, como burros de almocreves, para que havemos de pensar nós na sua libertação?

O melhor é não falar mais no caso. Bastam-nos os desgostos sofridos e os sacrificios feitos.

Basta-nos tambem sentir constantemente a garra da perseguição a dilacerar-nos, a querer tolher-nos todos os movimentos.

O homem que, no uso da razão, tergiversa na sua conduta politica, é um ente desprezivel, porque é um exemplo vivo, um agente perigoso e consciente da desmoralisação. ***M. Arruda***

ECO

¡ Ah, se me lembro bem daqueles dias
tão doces de passar!
E do sino, tocando Avé-Marias,
e do cheiro das flores do pomar...

Havia ao longe um eco, a que eu falava
em todo o arder do meu ingénuo afã;
e a quanto eu preguntava,
como era a minha Esperança que escutava,
o eco respondia-me:
—Amanhã...

Há tempos, (¡ e em que tarde encantadora!)
voltei de novo à quinta de meus pais;
Fui ao eco falar, como ia outrora....
— Mas que saudade agora!...
E o eco respondeu-me:
—Nunca mais....

BRANCA DE GONTA COLAÇO

Orfeão Académico de Coimbra

A chuva caída em abundancia desde a madrugada de 4.ª feira não arrefeceu os entusiasmos da projectada recepção ao Orfeão Académico de Coimbra, cuja chegada fôra anunciada no comboio correio ascendente e à hora própria tudo marchava para a estação do caminho de ferro—a comissão dos festejos, associações com as suas bandeiras, Bombeiros Voluntários, Corpo de Salvação Pública, muito povo de todas as classes e a Banda Barcelense, enchendo por completo a gare.

Com tanta chuva não foi possivel organizar-se ali o cortejo sendo resolvido que se concentrassem todas estas colectividades próximo do Jardim Público donde se seguiria para a Camara Municipal.

Das janelas e sacadas cobertas de damascos as damas lançavam flores e mais flores, e de algumas tanta era a quantidade das policromas pétalas eram despejadas aos cestos sobre os simpaticos visitantes. Estranho contraste entre êstes dois elementos naturais—flores e agua! Ao presidente da Associação Académica, o brioso e inteligente estudante António Pereira, ouvimos dizer que nunca vira tantas pétalas de camélias como as que êle e os seus companheiros receberam.

O percurso fez-se ovacionando-se o Orfeão, a velha Universidade de Coimbra, as damas de Barcelos, etc. etc.

Na Camara houve os cumprimentos de estilo com discursos de boas-vindas pelo Capitão sr. Francisco Caravana, presidente da Comissão Administrativa Municipal, embora demissionaria, e de agradecimento pelo sr. presidente da Associação Académica, ambos muito aplaudidos.

Visitaram depois a Escola Complementar. Foram recebidos pelo corpo docente e discente e o professor sr. Dr. Domingos de Figueiredo dirigiu-lhes uma emocionante alocução, descrevendo a vida dos Orfeons Académicos que muito bem conhece por ter pertencido ao de António Joice e terminando por uma saudosa evocação das belezas de Coimbra que ficam sempre esculpidas indelevelmente no espirito dos que abandonam a vida académica.

No mesmo pensamento tomou a palavra o sr. Raposo Marques, sub-regente do Orfeão que tambem disse muito bem e agradeceu a calorosa e vive manifestação de simpatia que o Orfeão recebera dos barcelenses. A aluna Maria Laura de Araújo cumprimentou os orfeonistas em nome da Escola e pediu para, no glorioso estandarte na sua vida de triunfos, colocar uma fita que perdurasse a honra da visita que a Escola acabava de receber. Na fita lia-se: «A Escola Complementar de Barcelos ao Orfeão Académico de Coimbra 9-IV-930.»

Muitas palmas coroaram os momentos ali passados.

No «Livro de Honra» além de algumas assinaturas de académicos ficou exarado:

«Aos que ensinam e dirigem com o distinto director desta Escola os destinos da mocidade estudiosa em prol do engrandecimento do País o preito da minha maior homenagem Adelino Martins Simão — Estudante de Direito — Coimbra.»

*

A's 15 horas a donairosa madrinha dos estudantes M.elle Maria Elisa Pais, gentil filha do sr. dr. Joaquim Pais, recebeu a seu convite em sua casa a direcção do Orfeão, e ás 16, na Camara Municipal foi oferecido a todos os estudantes um *Porto de Honra*, dançando-se animadamente até ás 19, tendo sido tambem convidadas as familias da melhor sociedade-

(Continua na 2.ª página)

Foot-ball

Em beneficio do Recolhimento do Menino Deus

Alguns amigos do Recolhimento do Menino Deus levam a efeito, no proximo domingo 13 do corrente, um desafio de foot-ball no campo da Granja.

Sabemos que este encontro é aguardado com vivo interesse não só pelos nomes que subscrevem os grupos, jogadores da velha guarda, como tambem pelo fim verdadeiramente altruista que o motiva.

Grande será, pois, a afluencia ao campo da Granja, a contribuir para que bem resulte o fim em vista.

Apraz-nos confessar a certeza de que as gentis Damas de Barcelos, sempre prontas a praticar o bem, não deixarão de assistir levando com a sua presença a nota de realce e distinção a este encontro.

Formação dos grupos

Braga:

Candido Oliveira — Internacional no 1.º Portugal-Espanha; Armando Dias Pereira—Selecionado diversas vezes pela A. F. Braga; Afonso Aragão—idem; António Seara—idem; Germano Vasconcelos—idem; Joaquim Carvalho—Jogador do Sporting de Braga; Alfredo Teixeira—idem; Victor Oliveira—idem do Boavista do Porto; Horacio Cunha—idem do Sporting de Braga; Manoel Machado—idem; Arantes de Souza—idem; Amadeu Ferreira—idem; Julio Gonçalves—idem e selecionado pela A. F. B.

Barcelos:

Dr. Torres—Autor dos 2 goals contra Espozende; António Araujo — Formidavel defesa no foot-ball nortenho; Alberto Guimarães—Um veterano novato que promete; Joaquim Macedo — Jogador que se distinguiu contra Ponte do Lima; Oscar Alçada—O fenomenal remetador por cima da trave; João Vaz—O santa em questões da bola; João Maciel—O esquerdo que joga a direito; Almor Vaz—O amor do nosso grupo; Dr. Manoel Barbosa—A elegancia em pessoa; Manoel Paula—O jogador que mais entusiasmou o povo de Guimarães; David Miranda — O incansavel avançado; António Fernandes—O grande defensor de penaltys.

Juizes de linha:

Abilio Sobral, João Oscar Barbosa, Gastão Paula e Manoel Guimarães. Estes juizes são o que ha de melhor no estrangeiro.

X.

Farmacias de serviço

Amanhã estão de serviço as farmacias Carlos Ramos, á rua Barjona de Freitas, e Alves de Faria, em Barcelinhos.

Ainda o caso das "Torres"

A carta do arquitecto sr. E. Korrodi

Não podemos publicar neste numero, como tinhamos prometido, a carta do ilustre arquitecto sr. E. Korrodi, sobre o caso das «Torres» porque, tratando-se dum assunto de responsabilidade, e havendo no original algumas passagens de dificil compreensão, tivemos necessidade de enviar prova ao autor. Esperamos, contudo, receber essa prova a tempo de a publicar no próximo numero.

A pesca do rio

Para conhecimento do público se transcreve o art.º 14.º do Decreto n.º 17:900 de 27-1-930.

Sob pena de incorrer na multa de 100$00 e de 200$00 nas reincidencias, ninguem poderá pescar nas aguas fluviais sem estar habilitado com licença passada pelos Serviços Hidraulicos, da taxa anual de 30$00 a qual será isenta de adicionais e registos.

§ Unico.—E' livre e isenta de licença a pesca com linhas de mão flutuante, aos domingos e mais dias feriados, nas aguas do dominio público, salvo nas reservadas por legislação geral ou especial e nas concedidas nos termos deste Decreto (Zonas concedidas ás comissões de iniciativa e turismo ou gremios de pescadores.)

Assuntos de instrução

Vai ser publicado um diploma autorizando os alunos das escolas normais que tenham ficado reprovados numa só disciplina a repetirem no ano imediato o mesmo exame sem obrigação de nova frequência. Quando, porém, a disciplina em que tenham ficado reprovados constitua procedência de outras, podem matricular-se nestas com dispensa de nova frequência da disciplina em questão, mas só no caso de terem obtido na frequência anterior do exame, nessa disciplina, a classificação, pelo menos, de suficiente e ficando sujeitos a novas provas de exame que serão prestadas singularmente ou em conjunto, conforme o Conselho Escolar resolver.

A fechar

Alfaiate, farto de esperar: —V. ex.ª ainda recentemente teve uma herança. ¿Porque não há de pagar-me o que me deve?

O freguês: — Não quero que alguém julgue que o facto de ter recebido algum dinheiro me tenha feito mudar os meus hábitos.

SEARA ALHEIA

De o «Povo»:

«Acusando a República de haver colocado nas repartições individuos que serviram golpes revolucionários—é, já, cediça e impotente esta calúnia—esquecem-se de que o êrro praticado, o único êrro, foi o de conservar nos seus lugares os funcionários que serviram a monarquia e admitir outros que jamais poderiam servir com zelo e dedicação a República.»

Do «Diário Popular»:

«A Gazeta», monarquíssima fôlha que tem concorrido para comprometer os conservadores, voltava ontem a dizer asneiras acêrca dos partidos.

Deixe lá os *partidos*, santinha, que ninguém fala agora nisso.

Diga-nos, antes, que tal lhe pareceram as declarações republicanas do sr. Ministro dos Estrangeiros, e que, ao que parece, a engasgaram, como se tivesse engulido marmelo cru...

Foge-lhe a esperança de ver os republicanos a espernear na forca, a pobre «Gazeta»!

De «A Voz da Justiça» este enxerto, que era assim intitulado:---*A ditadura nos municipios, em Espanha:*

«Informam os jornais que o «Ayuntamiento» de Barcelona tornou públicos os números relativos à divida daquela corporação desde Outubro de 1923 até ao fim da ditadura. Essa dívida, que naquela data era de 427.797.000 pesetas, subiu a 882.029.500, aumentando assim em pesetas 454.232.500 pesetas.

São números oficiais, que convém divulgar, para que a história seja feita com verdade.»

De «O Povo»:

«Em boas aguas navega «O Povo», lançando pelo país fora o brado de álerta, que deve ser ouvido por todos os que pensam na felicidade da sua Patria, na paz da sua vida, na sua propria liberdade.

De facto, todo aquele que aspíra a viver livremente, *a não ser escravo* de patifes, deverá escutar e analisar bem, o grito de alarme que «O Povo» vibrantemente nos atira, no sentido de se defender a Republica, o unico regime, baluarte da Liberdade.

A Republica respeita os direitos do homem, quem quer que ele seja, seja qual for a sua profissão, visto que todos teem igual direito de viver, se não com a mesma ventura, ao menos livremente, como pensou Cristo, não discutindo se existiu ou não; ora... não sucede assim, na abominavel monarquia, cujo principal fim, seu verdadeiro principio, consiste em dividir os homens em duas distinções: uma, que tem direito a todos os direitos, que gosa de privilégios, em suma: que se tornam senhores absolutos de tudo e de todos, tendo como apanágio, *o quero, posso e mando*. Estes, são os denominados fidalgos, que pertencem à nobreza, que não se juntam aos pequeninos com receio de se mancharem, quando são eles os autenticos portadores das mais nojentas mazelas que fogem do mendigo, receando contaminar-se com algum parasita; é a sua generosidade... que se afastam do operario, para se não sujarem; que consideram o barbeiro, o sapateiro, o carroceiro, o cavador, o «chauffeur», o policia, todos enfim, que trabalham e vivem honradamente, como...gente vil, baixa, infima, tratando os criados por escravos, etc.

São estes os sentimentos da humanidade dos nobres. A caridade deles, consiste em mandar servir às portas dos seus palacios uma malga de caldo aos pobres que á dita estendem a mão, para assim se mostrarem superiores, excelentes, elevados e grandes.

A sua nobreza de caracter, porém, é praticarem toda a casta de patifaria, as mais horriveis infamias, a troco de dinheiro, e quasi sempre, sobre a outra classe de gente, os plebeus, que somos nós.

Já vêdes, caros leitores, a necessidade que há dos republicanos se unirem num mesmo amplexo, formando um bloco unico, solido, a fim de fortalecerem a Republica, rejuvenescendo-a, pois só ela nos pode salvar de amanhã sermos tratados como cães, se porventura, a monarquia um dia se restaurasse, o que é absurdo pensar nos tempos que vão correndo, em que as poucas monarquias que existem, se manteem por tradição e enquanto se preparam as raizes do ideal, da pura democracia!»

Revista «AQUILA»

:: PUBLICAÇÃO SEMANAL :::

é a revista popular mais barata e de maior expansão que se publica em nosso país.

Leitura variada
Numerosas ilustrações
Excelente aspecto grafico

Preço por numero $70

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DUQUE DE SALDANHA, 312 — PORTO

A' venda em Barcelos no **Centro de Novidades**

Ler e propagar a «Opinião» é dever de todo o bom republicano.

Mercado semanal

No mercado semanal de quinta-feira passada os preços dos generos correram aos seguintes preços, pela medida de 20 litros:

Milho — branco, 16$00; amarelo, 15$50; alvo, 25$00.
Feijão—branco, 54$00; amanteigado, 50$00; amarelo, 26$00; moleiro, 32$00; vermelho, 38$00; mistura, 20$00; miudo 18$00.
Trigo, 22$50.
Centeio, 15$00.
Batata, k. 8$00.
Cebola, 15 k. 5$00.
Castanha, 15 k. 22$50.
Ovos, duzia, 3$00.

Os mais baratos trabalhos graficos

Toda a qualidade de qualquer impresso, como: Jornais, revistas, mapas, facturas e envelopes comerciais, cartões de visita, etc. Satisfazem-se todos os pedidos pelo correio.

Tipografia, Enc. e Papelaria Fernando Marinho Barcelos

Orfeão Academico de Coimbra

(Continuado da 1.ª pag.)

de. Trocaram-se brindes muito amistosos.

*

Não foi desmentida a convicção de que o sarau do Orfeão Academico de Coimbra seria digno de nota nas festas realizadas no teatro Gil Vicente.

O grupo orfeonico apresentou-se distintamente, merecendo com inteira justiça os aplausos que a numerosa assistencia, a sala repleta, concedeu a tão notavel audição.

Nada faltou o que excelsa Arte da Musica ensina a imprimir no canto em todas as modalidades a que é preciso sujeitar, sem esforço, a voz humana.

Não se pode cantar mais nem melhor.

A *Orxestra Pitagorica* que terminou o lindo sarau deu-nos ensejo a franca gargalhada pela harmonia concordante em tal desarmonia conjunta.

O estudante de Coimbra, alegre e folgazão, fica bem focado pitagoricamente.

A menina Maria Olinda, filha do nosso amigo sr. Antonio Albino Marques de Azevedo, aluna da Escola Infantil, num dos intervalos foi ao palco e com o aprumo e correcção duma consagrada *discuse* e, recitou esta poesia de saudação aos seus irmãos mais velhos em letras:

Agradecendo e saudando

Vindes de Coimbra, estudantes,
Da velha Universidade,
Vindes todos revibrantes
De virente mocidade.

Sois presente e sois porvir,
Mais porque do que presente,
Sente-se em vós resurgir
O luso valor ingente.

Por isso a vossa visita
Nos comove e desvanece.
E' gentileza que incita
A gratidão que merece.

Gratidão que aqui deponho,
Com vigor que não se ilude,
Nesta hora alegre de sonho,
Ante a vossa juventude.

E com prazer vos saúdo
Com grata satisfação
Mocidade a quem dou tudo
Que tenho no coração.

A encantadora criança, infantil na idade e na instrução, recebeu muitos beijos dos estudantes e damas de todos os camarotes que a reclamavam para isso como legitima paga de tão bela e expressiva recitação.

Fez a apresentação do Orfeon o sr. dr. Furtado Martins com palavras muito carinhosas e bem sentidas de quem ainda no ultimo ano escolar era aluno de direito.

A presidenta da Comissão sr.ª Doutora D. Julieta Barbosa Passos tambem dirigiu aos orfeonistas os seus cumprimentos, congratulando-se por, de novo, se encontrar entre os seus antigos companheiros nas lides academicas.

Com um — muito bem? — traduzimos a satisfação que se notava em todas as pessoas.

*

Os ilustres visitantes partiram para Vigo no comboio directo de 5.ª feira, tendo uma despedida muito afectuosa. Iam em extremo reconhecidos por todas as atenções, finezas e deferencias que as damas de Barcelos, bem como os cavalheiros e demais população citadina lhes dispensaram.

Para ponto final informam-nos que a Direcção do Orfeon não quiz embolsar a importancia liquida do sarau oferecendo-a ás casas dos pobres.

Mais um titulo para juntar á nobreza dos simpaticos estudantes de Coimbra!

Ao mesmo tempo que espalham educação e instrução pelo canto harmonioso e ritmico exercem com maior altruimo e espontaneidade a sublime e grandiosa virtude —A Caridade!—

*

Devemos registar, porque o merece que o serviço do *Porto de Honra* foi fornecido pela conceituada confeitaria «A Moderna» do sr. M. J. Ferreira desta cidade.

Seriamos injustos dizendo o contrario e até folgamos que assim seja por já não haver motivo de recorrer ao Porto ou a Braga para este efeito.

Republica e determinismo

Que a Republica é uma das formulas politicas mais perfeitas para o equilíbrio social, é uma verdade que só os néscios ousarão negar.

Roma foi grande durante a República e foi dela que brotou a concepção luminosa do Direito. Foi grande a Grécia republicana, cuja civilização ainda hoje nos deslumbra e aprópria França, para não falarmos na Suiça, modelo exuberante de virtudes democráticas, convulsionada entre os embates das duas correntes, reaccionaria e avançada, veio encontrar, alfim, a sua felicidade e o seu prestígio depois da implantação da Terceira República.

A consciência republicana em Portugal, que tem em Henriques Nogueira o seu iniciador, é hoje uma verdade irrefutável. Povo que caminhou sempre na vanguarda do progresso, tendo na sua História os mais belos feitos demonstrativos dum nobre anseio de independência, a gente portuguesa aceitou a República com um entusiasmo e uma fé, que ainda hoje se nos marejam os olhos de lágrimas á evocação dessa manhã histórica de 5 de outubro de 1910.

O Povo, todo o Povo de Portugal, aclamou, em delirio, o regime nascente, confiado numa nova era de prosperidades para a Patria, até então envilecida por um sistema politico que se incompatibilizara com a massa geral da Nação.

Durante estes vinte anos muitos factos se tem verificado na nossa história politica que conduzem os liberais a redobrar nos seus actos de propaganda republicana, não porque tivesse adormecido o espirito liberal do Povo, mas porque a própria Republica tem sido objecto de traições varias no decurso da sua acidentada existência, como ainda ha poucos dias foi demonstrado pelos próprios jornais monarquicos, quando publicaram a lista das revoluções realistas desde 1911 até o presente.

Não nos iludamos, porém. A Humanidade caminha decididamente para uma nova era de realizações. A' margem dos proprios sistemas politicos, que giram sob a egide da nova classe que nos legou a Revolução Francesa, ha um mundo áparte, um mundo que sofre e que trabalha e que nas oficinas, nos atelieres e nos laboratórios prepara conscientemente a redensão da Humanidade, que fará esmorecer as falsas ideias e os falsos idolos, concedendo ao homem todos os deveres e direitos que a sua condição de animal superior reclama e que até hoje lhe têm sido negados..

Só os tolos e inconscientes é que podem ignorar esta verdade. E quem se propuser resistir á marcha vertiginosa das ideias modernas, que já começaram a despontar ao longe, oferecerá o lamentavel e grotesco espectaculo que ofereceria um habitante do reino de Liliput, pretendendo suster com as mãos uma montanha que ameaçasse ruír sobre o oceano.

Nós somos republicanos, profunda, sincerissimamente republicanos, mas as ideias de emancipação humana não nos assustam nem afrontam. Somos homens do nosso tempo e acreditamos naquela especie de determinismo historico, que fez do Spartacus da velha Roma o operario consciente do seculo XV.

Aceitaremos, por todas as renovações no campo da politica que visem a prestigiar o homem, a amparar o trabalhador e a tornar iguais perante a lei humana todos os seres que trabalham e lutam pelo progresso colectivo.

As circunstancias, porém, exigem que consolidemos a Republica.

E por isso o nosso brado terá de ecoar agora, vibrante, pelas serras de Portugal:

—Viva o Povo Português!
—Viva a Republica Portuguesa!

(De «Diario Popular»)

PELO CONCELHO

Viatodos, 10

Após prolongado sofrimento, faleceu no dia 3 do corrente a sr.ª D Julia Duarte Sousa de Miranda Aviz, esposa idolatrada do sr. Antonio Luiz de Miranda Aviz, da Quinta de Palmeira.

A' familia enlutada os nossos pêsames.

—Encontra se doente a sr.ª Margarida Gomes de Araujo Miranda, esposa do sr. Antonio Gomes de Carvalho, habil mestre de obras desta freguesia e mãe do nosso amigo sr. Abilio de Miranda Carvalho, proprietario da mercearia de Palmeira, tambem desta freguesia.

—No ultimo domingo do mês de Março realizou-se á porta da mercearia Barbosa, à Rua Nova, uma rifa com bazar de prendas, cujo producto,—ao que ouvimos —revertia em beneficio das obras da Igreja Paroquial.

—A fim de passarem as ferias da Pascoa com sua familia, já se encontram nesta freguesia os estudantes Manuel e Zacarias de Sá Felgueiras Pinto Machado, filhos do sr. Aires de Sá Felgueiras Machado.

— Por desconhecermos quais foram as providencias adoptadas contra o arrendatario da residencia paroquial, por ter praticado um *desvio* de castanheiros de elevado valor, naquela propriedade do Estado, novamente chamamos a especial atenção do sr. Presidente da Comissão Concelhia dos Bens da Igreja, a fim de que tão *benemerito* cidadão seja compelido a entregar ao Estado aquilo que lhe não pertence, e que por direito devia ser entregue ao poder judicial.—C.

Em vez da riqueza, a miseria e a desgraça

A situação dos emigrantes portugueses em Cuba

E' verdadeiramente aflitiva a situação dos emigrantes portugueses em Cuba, como a descreve o consul português naquela Republica numa entrevista ao repórter do «Correio dos Açores» e que vem transcrita no «Popular», jornal português de New-Bedford.

A emigração para ali tem-se intensificado, sobretudo, acrescenta o nosso consul, emigração clandestina—desgraçados que se deixam iludir por agentes sem escrúpulos, que os atiram para ali depois de os convencerem de que lhes é facil passar aos Estados Unidos da America. E os desgraçados lá vão, às cegas, ignorando que é rigorosa a fiscalisação das autoridades americanas, que não permitem a entrada nos Estados Unidos e dali expulsão os estrangeiros encontrados sem documentação.

Diz na entrevista citada o consul português em Cuba, sr. Euclides G. Costa:

«Dificilmente posso conformar-me com a minha nomeação para aqui, Não posso ouvir mais queixas, mais clamores. De dois mil portugueses espalhados por êste país mais de mil não têm trabalho. Esperavam a minha chegada como quem espera por pão, mas nenhum pão sequer lhes posso dar. Todos a um tempo pedem que os repatrie. ¿Como, se de nenhuns recursos disponho para o fazer?...»

Nestas poucas e bem dolorosas palavras fica descrita a situação de angústia e miséria dos emigrantes portugueses: nem o pão para se manterem no exilio que voluntariamente procuram, nem sequer a esperança de poderem regressar à Patria.

(De «A Voz da Justiça»)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Monte de Fralães, 10

Esta freguesia ainda não foi dotada com uma escola primária como muitas outras deste concelho, embora aqui hajam bastantes crianças em idade escolar, estando, por isso, sujeitas a ficarem a maior parte delas sem receberem a minima instrução — o que nas épocas de hoje é muito para lamentar.

As escolas mais próximas desta freguesia que poderiam ser frequentadas pelas crianças daqui, são as de Viatodos e Silveiros; mas, vê-se—com bastante pezar nosso—as crianças dessas freguesias, que querem colher algum aproveitamento, frequentar as escolas de Nine, Louro, Grimancelos e Remelhe.

Em vista dêste sudario de miséria, não vale a pena as crianças desta freguesia serem ali matriculadas.

Talvez ao sr. Inspector escolar lhe não fôsse dificil remediar um pouco êste mal, ou sua Ex.ª não quererá incomodar-se por tão pouca coisa...

—Tivemos o prazer de cumprimentar nesta freguesia o sr. Alberto Nunes de Figueiredo, mui digno consul da Belgica no Porto, tencionando fixar residência durante o verão, na sua aprazivel quinta.—C.

Restaurante Vinagre

RUA BOM JESUS DA CRUZ

PROPRIETARIO:

EMILIO VINAGRE

O melhor e mais bem instalado da cidade

Serviço á lista — Almoços e jantares

VINHOS VERDE E TINTO DAS MELHORES PROCEDENCIAS

Vinhos finos, champanhes, etc.

Vida agricola

A flor do vinho

Tenho ouvido por várias vezes, da boca de alguns viticultores menos instruidos em assuntos vinicolas, que a flor do vinho é vantajosa para este, servindo como que de capa protectora á sua superficie, isolando-o.

Por esta teoria, ou pela suposição de muitos, de que a flor é inofensiva, o certo é que a maior parte dos possuidores de vinhos não liga importancia áquela pelicula branca que se apresenta à superficie dos vinhos contidos em recipientes mal atestados.

E' um êrro. A flor do vinho é um ser microbiano, que altera o vinho em que vive.

A referida pelicula branca é formada por uma aglomeração de sêres, cada um dos quais é invisivel á vista desarmada, mas que um conjunto, em numero extraordinariamente elevado e por viver e desenvolvor á superficie do vinho, onde procura encontrar o oxigenio da atmosfera, que lhe é indispensavel, forma a membrana referida, que é de fácil desagregação em pequeninas partes.

Aqueles pequeninos organismos, com o seu aspecto inofensivo, são destruidores da constituição do vinho, porque decompõem o seu alcool, transformando-o em gaz carbonico e agua.

Estamos assim a ver o que acontece: um notavel enfraquecimento da força alcoolica do vinho, por um lado em virtude do desaparecimento do alcool, e por outro lado por encorporação de agua no vinho, resultante da transformação do alcool decomposto.

Mas não pàra aqui o efeito prejudicial. A flor predispõe o vinho para o avinagramento, porque facilita neste o desenvolvimento da flor do vinagre ou microorganismo da azedia, sendo quasi sempre acompanhadas uma pela outra, embora a primeira seja a maior parte das vezes a primeira a apresentar-se, sendo por isso reconhecida como precursora da segunda.

Devemos, portanto, procurar evitar o desenvolvimento da flor, ou, se ela já se tiver desenvolvido, eliminá-la e evitar que ela continue a desenvolver-se.

E isso não é dificil. Sendo, como atrás fica dito, indispensavel para a flor o oxigenio do ar, se nós privarmos deste a superficie do vinho privaremos tambem a flor de uma das principais necessidades para a sua vida, fazendo-a assim morrer se já existe ou tornando impossivel a sua formação.

Basta para isso manter as vazilhas sempre muito bem atestadas e perfeitamente vedadas, para que o ar não possa penetrar nem ficar retido no espaço vazio.

Mas, se por acaso uma vazilha tem de ficar mal cheia, por falta de vinho para atestos, ainda temos um recurso, que é a substituição do ar oxigenado por um gaz improprio para a vida dos microorganismos da flor, como seja o gaz carbonico, ou ainda melhor o gaz sulfuroso; produzido pela combustão do enxofre, que sendo mais pesado do que o ar, desce e forma uma camada do dito gaz (fumo de enxofre), que protege o vinho.

Além disso o gaz sulfuroso tem, como é bem sabido, uma enérgica acção desinfectante, matando e desorganizando todos os micróbios, destruindo portanto a flor já formada, fazendo-a cair para a bôrra.

Mas este processo de destruição, quando a flor é muita, como a flor morta na sua queda desce vagarosamente através o vinho, suja-o. E' por isso preferivel fazê-la sair pela batoqueira, para o que basta introduzir por esta um tubo comprido que penetre no vinho, adaptando-lhe á extremidade exterior um funil, pelo qual se vai deitando vinho até que o liquido trasborde lançando para fora a flor.

Quando o liquido principia a trasbordar, devem dar-se, por meio dum maço fortes pancadas na parte superior da vazilha, proximo da batoqueira, para fazer deslisar da madeira e subirem algumas partes da flor que tenham ficado aderentes á madeira á medida que o liquido com ela foi subindo durante o atêsto.

Nos vinhos novos, enquanto dura o trabalho fermentativo, ainda que lento, a flor não se desenvolve facilmente, se o ar não tiver grande facilidade em penetrar, porque o gaz carbonico formado, mais denso que o ar, mantem-se no espaço vazio, cobrindo o vinho. Mas logo que a fermentação parou, se não abatocarmos as vazilhas, o ar penetra no espaço vazio, a flor desenvolve-se, o vinho enfraquece, a azedia pode suceder-lhe, e o proprietario pode correr o risco de importante prejuizo.

Evite-se portanto o desenvolvimento de tão nociva flor.

Pedro Bravo

Declaração

Marcelina Gomes Barbosa, de Milhazes, declara que é falso o que se propalou a respeito dumas culpas do Cego das Necessidades.

A "Republica,, em Barcelos

Estiveram quarta-feira passada nesta cidade os ex.mos srs. Drs. Eduardo Salgueiro, Horacio Cunha e Albano Pizarro, dignissimos e ilustres Director, Redactor e Administrador respectivamente, do importante e decidido caudilho o semanario «Republica», do Porto, que aqui vieram em serviços de interesse do seu jornal.

Pela gentileza dos seus cumprimentos, reconhecidamente agradecidos.

Pela POLICIA

Foram apresentadas á Policia de S. Publica as seguintes queixas:

Manuel Gonçalves Gião Junior, de Roriz, contra Emilia Rodrigues Salgueiro e Adelaide Fogueteira, ambas de S. Verissimo, por furto.

Maria Isabel, contra Manoel José de Oliveira, ambos de Abade do Neiva, por abuso de confiança.

Manoel Pimenta da Costa, contra Caetano Duarte Leiras, ambos da Tamel S. Fins, por insultos.

Clemente Gomes Machado, contra Isaura Vicente, ambos de S. Miguel da Carreira, por injurias.

Beatriz Pereira, contra Manoel Carriço, ambos de S. Verissimo do Tamel, por agressão à queixosa.

Cristina de Araujo Pinheiro contra Francisco Missas de Sousa, por agressão.

José Ferreira Pedras e Joaquim Figueiredo Pedras, contra Julio da Silva e Sofia Gomes Boucinha, todos de Barcelinhos, por insultos.

Rosalina Gonçalves de Sousa Pereira, contra José Alves Garrido, Casimira Pôças e Maria Pôças, todas de Gamil, por abuso de confiança.

Antonio Ferreira Pacheco, contra David Caetano e José Caetano, de Viatodos, por insultos e ofensas à moral.

Aos nossos assinantes de BARCELOS

Encontram-se desde há dias no correio, a cobrança, conforme já dissemos no n.º anterior, os recibos de assinatura da «Opinião», correspondentes ao periodo do 1.º trimestre deste ano.

A todos os nossos presados ossinantes solicitamos o psgamento dos seus recibos logo que estes lhes sejam apresentados, evitando a sua devolução e o encargo de novas despesas de cobrança.

Sendo «A Opinião» um jornal pobre, porque vive unicamente dos recursos proprios, confiamos, por isso, no valioso auxilio de todos os seus dedicados amigos e assinantes.

A POPULAÇÃO DO CONCELHO DE BARCELOS

Registo Civil em Março

Nascimentos

No dia 26:

Rosa, de Cossourado, filha de José Rodrigues de Campos e Maria da Conceição Ferreira de Lacerda.

João, de Galegos S. Martinho, filho de José de Sousa Vilas Boas e Laurinda Gonçalves Maciel.

Maria de Lourdes, de Martim, filha de Adelino Lopes da Costa e Maria Ferreira de Sá.

Firmino, de Martim, filho de Manoel Garrido e Deolinda da Silva.

Maria da Graça, de V. F. S. Pedro, filha de João Alves de Faria e Maria Pereira de Faria.

No dia 27:

Delmira, de Alvelos, filha de Joaquim Luiz Farrulo e Amélia da Silva Fernandes.

José, de Tamel S. Verissimo, filho de Ana Gomes Pereira e pai incognito.

Ana, de Alvelos, filha de Elias Ribeiro de Oliveira e Maria Peixoto de Carvalho.

Antenôr, de Courel, filho de Francisco Ferreira Casanova e Laurinda Ferreira Martins.

Florindo, de V. F. S. Martinho, filho de Francisco Joaquim Fitas e Maria da Graça Peixoto.

Simão, de Durrães, filho de Torcato de Lima e Francisca Viegas de Lima.

No dia 28:

Ana, de Tregosa, filha de José da Silva Pinto e Maria Gonçalves de Sousa.

Elvira, de Vila Seca, filha de Domingos de Sousa da Cunha e Maria Ferreira Pedras.

Ana, de Cristelo, filha de Manoel Gomes da Silva e Ana Gomes Ferreira.

Maria, de Carapeços, filha de José Domingues de Sousa e Maria Rodrigues.

Manoel José, de Aborim, filho de Margarida Magalhães Amorim e pai incognito.

Maria Elisa, de Egreja Nova, filha de José Fernandes Apolinário e Mariana Fernandes.

No dia 29:

Paulino, de Vila Cova, filho de Olivia Rosa do Vale e pai incognito.

José, de Vila Cova, filho de Severino Ribeiro de Sá Cachada e Josefina Rosa da Costa.

Margarida, de Viatodos, filha de António da Silva Araujo e Olivia Pereira Lopes.

Maria, de Faria, filha de José Alves e Maria da Silva.

Fernando, de Barcelinhos, filho de José Vasconcelos Bandeira e Lemos e Maria Vieira Reis.

Manoel Narciso, de Chavão, filho de António Gomes da Costa e Rosalina Gomes Ferreira.

Joaquim, de V. F. S. Pedro, filho de Paulo Barbosa e Emilia Dantas.

No dia 30:

Tomé, de Viatodos, filho de Esmael Ferreira de Macedo Faria Gajo e Filipa de Vilhena Faria Gajo.

No dia 31:

Rosa, de Lijó, filha de João de Sousa Barbosa e Conceição Ferreira.

Ana, de Moure, filha de Domingos de Oliveira e Amélia Lopes da Silva.

Em Abril, no dia 1:

João, de Cossourado, filho de José da Silva Esteves e Andrélina Fernandes Correia.

Maria da Conceição, de Balugães, filha de Manoel da Costa Miranda e Maria Rosa da Costa.

Carlos Alberto, de Barqueiros, filho de Manoel Gonçalves Egreja e Laurinda Ribeiro Gomes.

Virginia, de Vila Seca, filha de António Baptista de Carvalho e Maria do Carmo da Silva da Ponte.

Maria Glória, de Roriz, filha de António Alves Borges e Maria Lopes.

José, de Vila Boa S. João, filho de Celso Mendes e Emilia da Cunha.

Maria da Conceição, de Chorente, filha de Adelino Gomes Ferreira e Amélia Lopes da Silva.

José, de Carvalhal S. Paio, filho de José Peixoto e Teresa Gomes da Silva.

No dia 2:

Maria Lucia, de Fragoso, filha de Evaristo Martins Neiva e Margarida Rodrigues dos Santos.

Maria Alzira, de Vila Cova, filha de Josefina Dias de Sá e pai incognito.

Manoel, de Tamel S. Verissimo, filho de Fernando Lourenço Simões e Teresa Duarte Lima.

No dia 3:

António, de Negreiros, filho de Henrique Domingos de Oliveira e Rosa Lopes Rodrigues.

Ermelinda, de Adães, filha de Manoel José Senra e Teresa de Jesus da Silva.

António, de Tamel S. Verissimo, filho de António Pereira Fernandes e Maria Simões Braga.

Porfirio, de Gueral, filho de Joaquim da Fonseca Mariz e Deolinda Ferreira de Matos.

Lourdes, de Silveiros, filha de Antonio Gomes da Silva e Virginia da Silva Miranda.

Antonio, de Gamil, filho de Manuel Gomes e Laurinda de Azevedo.

Virginia, de Moure, filha de José Coelho de Faria e Emilia da Silva Fernandes.

Maria Delores, de Encourados, filha de José Joaquim Rodrigues e Ana Joaquina Rodrigues.

No dia 4:

Lilia de Fragoso, filha de Claudino Rodrigues Montenegro e Laurinda Ribeiro Cabaços.

Joaquim, de Sequiade, filho de Henrique da Costa Pereira e Teresa da Silva Rodrigues.

Delivrance

Deu á luz uma criança do sexo masculino, quinta-feira, a esposa do nosso amigo sr. Adriano Pinto de Azevedo.

Parabens.

"A OPINIÃO,,

Serviços de Administração

Esteve nesta redacção a satisfazer o importe da sua assinatura, que ficou paga até 30-6-930, o nosso amigo e assinante sr. Antonio de Araujo Ferreira, de Ruilhe—Braga.

*

Do nosso tambem presado amigo e patricio, sr. Anibal Pereira da Silva, residente na Beira (Africa), recebemos, acompanhado por uma carta muito amiga, a qual agradecemos, 10 *Shillings* para pagamento da sua assinatura, que fica paga até 15-5-930.

*

Insistimos em pedir a todos os nossos amigos e assinantes do concelho de Barcelos que ainda não pagaram a sua assinatura do jornal até 31 de Dezembro de 1929, a fineza de o virem ou mandarem fazer a esta administração, — TIPOGRAFIA MARINHO, de fronte do Correio Geral,—favor que antecipadamente agradecemos.

SOCIEDADE

Aniversarios

Hoje, o da ex.ma sr.a D. Maria Candida de Almeida Azevedo.

Hoje tambem, o do sr. Alfredo Fernandes Rodrigues.

Amanhã, dia 13, o da ex.ma sr.a D. Virginia Roriz Pereira, esposa do sr. Avelino Roriz Pereira.

Amanhã também, o do menino Fernando, filho do sr. Cupertino Silva, e o da menina Maria Fernanda, filha do sr. Carlos Sousa.

E os dos srs:

José Maria Barbosa Faria e Augusto Soucasaux.

Segunda-feira, dia 14, o do sr. Placido Elias Barbosa Lamela.

O "ARROBAS,,

Foi preso em Paços Ferreira quarta-feira passada, conforme o nosso «placard» deste mesmo dia à tarde, o atrevido e reputado ladrão que tanto e tanto que fazer tem dado ás autoridades, Luiz Justiniano dos Santos o «Arrobas», natural da freguesia de Arcuzelo, deste concelho.

Com este foram tambem presos o seu irmão José Luiz Justiniano dos Santos «O Miséria» e José Joaquim Alves «O Bicho de Roças», da freguesia de Giela, do concelho dos Arcos de Valdevez.

Ante-ontem foram conduzidos da cadeia daquela vila para as prisões da Policia desta cidade, onde se encontram de guarda à vista, «O Arrobas» e seu irmão «O Miséria». «O Bicho de Roças» ficou na prisão daquele concelho, a fim de averiguações e reconhecimento.

Os dois gatunos vieram daquele concelho para aqui de automovel, sob algemas, acompanhados pelos dois ajudantes da nossa esquadra Guerra e Faria e pelos funcionários da Camara srs. Manoel Bandeira Julio Machado, Francisco Araujo e José dos Santos Pereira.

Segundo uma correspondencia apanhada ao «Arrobas», este fazia parte de uma quadrilha da qual devia ser o seu chefe.

Entre outras coisas que na ocasião da prisão em Paços Ferreira se encontrou ao «Arrobas», foi uma pistola «Savage» com três carregadores cheios, um revolver, 6 gasulas, 37 chaves, alicátes, uma tesoura de podar, uma chave de porcas, uma lima, etc..etc. A pistola «Savage» tem o n.º 162.068. Tambem lhe foram apreendidos 50 escudos e 50 pesetas, um optimo relogio e uma corrente com uma libra em medalhão.

Ao «Miseria» foi-lhe apanhado tambem um relogio e uma corrente de ouro e quarenta e tantos escudos.

O «Arrobas» e o «Miseria» vão ser por estes dias entregues a Juizo, devendo, antes, serem submetidos a varios e inteligentes interrogatorios, a fim de serem descobertos outros cumplices.

Rectificação

Devido ao muito serviço que por vezes se junta nos dias em que organisamos o original para fazer «A Opinião», deitamos no numero passado, por engano como estamos a rectificar, que o nosso amigo sr. Manoel António da Silva Miranda, de Fornelos, foi autuado pela G. N. R., por trangressão ao codigo de posturas municipais, quando nada disso lhe aconteceu.

Ha enganos, como este, que só por obra do diabo.

TIPOGRAFIA

Livros de Leitura para as escolas primárias oficialmente aprovados.
Cadernos e métodos caligráficos.
Todos os objectos escolares.

Fernando

Satisfazem-se todos os pedidos feitos pelo correio.

Modicidade de preços.

ENCADERNAÇÃO

Grande e variado sortido de artigos de escritorio e papelaria.

Marinho

Execução de livros, jornais, revistas.
Impressos para o comércio, industria e repartições públicas.
Trabalhos de encadernaço em todos os géneros.

PAPELARIA

A FUNERARIA
DE Joaquim Rente
BARCELINHOS
Encarrega-se de todas as armações. Artigos funerarios, armações de gala, andores, vestuario para anjos, etc.
PREÇOS CONVIDATIVOS

BELMIRO A. DE MIRANDA
CONSTRUCTOR
Obras em pedra, tijolo e cimento armado
Fornecimento de materiais

Manuel Pereira Rainha
Ex-contra-mestre da Alfaiataria Barbosa e com 20 anos de pratica da mesma
—
Largo do Apoio
Participa aos seus amigos e á praça em geral de que se encarrega de qualquer obra de alfaiataria.
Maxima perfeição--preços módicos

LIVROS
Todos os livros para escrita comercial.
TODOS
ARTIGOS ESCOLARES
Tipografia, Enc. e Papelaria
FERNANDO MARINHO

PASSAPORTES E PASSAGENS

PARA O
Brazil, America do Norte, França Cuba, Argentina ou qualquer paiz
João de S. Pimenta
(João da Oficina)
Campo da Feira (em frente ao Senhor da Cruz)—Barcelos
SERIEDADE, ECONOMIA E RAPIDEZ

Adubos Agricolas "TRIUNFANTE"
DE—
JOSÉ FERREIRA BOTELHO
PORTO
absolutamente garantido para todas as culturas.
Agente em Barcelos
J. B. FERREIRA DIAS

Pode evitar-se o contágio da sifilis usando o profilatico
"Hala"
Unico preservativo eficaz contra todas as doenças venéreas.
Deposito em Barcelos:
Farmacia A. de FARIA
Representante geral em Portugal: José Manuel Couto de Oliveira — Galeria de Paris, — 95-2.º andar--PORTO —

Manuel Esteves Limitada
Campo da Republica — Barcelos
Cal branca e hidraulica, cimento, adubos quimicos, sal, e outras mercadorias.
Fabrica Ceramica do Patarro
(TELHA E TIJOLO

FARMACIA MODERNA
Antiga da Calçada
Director — *João Pacheco Leite*
Aviamento de todo o receituario clinico

JOÃO SANTANA VAZ E C.ª
Calçado feito e por medida. Concertos, sola e cabedais. Rua Barjona de Freitas, 4 a 8—(Junto áPraça).

POLYDOR
A melhor marca de gramofones e discos com gravação electrica.
Unico representante em Barcelos:
ANTONIO VELOSO
Agencia de Passagens e Passaportes.
(Em frente ao Correio Geral)

Anunciai na «Opinião»

Agência Veloso
(Em frente ao Correio Geral)
PASSAPORTES E PASSAGENS
para o BRASIL, ARGENTINA, URUGUAY, CUBA, AMERICA DO NORTE, FRANÇA, BELGICA, AFRICA, etc.

Anunciar na «Opinião» é colher êxito do reclame!

Quereis dinheiro?
Jogai no
Gama
Rua do Amparo, 51 — Lisboa
PREÇOS
Bilhetes a 170$00, meios a 85$00, quartos a 42$50, decimos a 17$00, vigessimos a 8$50, e cautelas a 4$50.
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $80 para registo.
Atende todos os pedidos da Provincia.
SEMPRE SORTES GRANDES

LIMOUZINE
= DE LUXO =
PARA ALUGUER A PREÇOS DE QUALQUER — CARRO —
PROPRIETARIO
CARLOS SOUZA

Folhetim de «A Opinião» N.º 99

ARNALDO GAMA

O Sargento-Mór de Vilar

Episodios da invasão dos francezes em 1809

XVI

Produziam para eles; e se consumiam era porque o *posso e quero* senhorial lhes fazia o favor de não derogar com uma só palavra as leis, que lhes concediam o quinhão do cordeiro na distribuição dos resultados das suas próprias forças productoras. O mais a que podia aspirar era a honra de servirem de tentos quando os reis jogavam provincias, como diz Frederico, o grande—redundancia sonorosa que Napoleão I resumiu em duas palavras, *chair a canon*.

A estas teorias, muito agradaveis e muito comodas para um certo numero de familias, que descendiam de Adão como todas as outras, e cuja superioridade era resultado de uma convenção, a que todas as outras tinham prestado assentimento voluntario, respondeu a dignidade humana com a exaltação dos encyclopedistas, e esta com 1789, e 1789 com o cadafalso de Luiz XVI. Lamentemos aqueles magestosos desvarios, mas confessemos que a reacção foi proporcional com a massa bruta das forças que a acção empregava. Tudo aquilo foi providencial. A causa das causas entendeu que o livre arbitrio do homem devia de estar escamentado e bem avisado do que lhe convinha, depois desta dura e ignominiosa pressão de tantos séculos. Ergueu então a voz, e bradou —basta, e diante daquele terrivel e omnipotente *basta* caíram os reis proprietarios, e com eles os formigões ociosos, que lhes beijavam ignóbilmente os pés, para, á sombra deles, poderem subtrair do celeiro do povo parte das miunças, que o dominio real deixava lá.

Mas sigamos a Providencia nos resultados das suas admiraveis e grandiosas combinações. Aqui vemos a ideia velha vencida, esmagada, guilhotinada; e a exaltação desvairada, de que a nova precisou de armar-se para entrar com vantagem na luta, a exultar embriagada com um pé sobre o cadaver dela; vemos o reinado da ignominia humana substituido pelo reinado da loucura humana. Basta—bradou de novo a invisivel omnipotencia directora: e Napoleão surgiu, e a ideia nova, lançando-se da França, seu centro da reacção, espalhou-se em exércitos e exércitos conquistadores por sobre a face da Europa, exinanindo os seculares baluartes da ideia velha, e desbravando os povos para recebe-em o augusto sacramento da civilização.

E vêde como foi bem concertado o plano daquela admiravel obra. Os que vieram para o ocidente chegaram até os ultimos confins; os que foram para o norte pararam em Moskow. Assim devia de acontecer, sendo a obra, como era, resultado da omnisciente Providencia. Para o meio-dia a liberdade era recordação; para o norte novidade: para o meio-dia chegara portanto a hora da realização; para o norte apenas a da primeira apostolisação. Chegar-lhe-há tambem o tempo de discutir e realizar a palavra; e quem sabe se terá para isso de passar por trances iguais áqueles porque as nações do meio-dia passaram.

Desbravado o terreno, Napoleão tornou-se inutil e a sua felicidade omnipotente findou. E então dos dous confins até onde a Providencia delimitara a acção incontrastavel do desbravador, começou esta a contrair-se para o centro onde partira. A luz do sol de Austerlitz principiou a escurecer por estas duas extremidades; concentrou-se, concentrou-se, e por fim apagou-se de todo em Pariz, fóco donde irrompera e irradiára. Esta é que é a verdade, atestada pela historia e demonstrada pelo estudo analitico dos acontecimentos. Senão veja-se. E' ao chegar aos ultimos confins de Portugal, no último ocidente, e a Moskow, sua rasoavel barreira ao norte, que a felicidade e o poder de Napoleão pára, retrográda, e declina até ao total aniquilamento. Ao tocar nestes dous pontos opostos é que os exércitos, que até aí recuaram diante dele, estacam, reanimam-se, e começam a marchar para a frente, passando por cima dos seus grandes esforços, contraindo-lhe o imperio apesar das suas novas victórias, e encurralando-o por fim em Waterloo, onde o gigante, que sujeitára a Europa nos braços robustos, ao ver-se estreitado naquele circulo de contraria fortuna acabou, como o escorpião, victima do proprio desalento. O desânimo, que o levou á abdicação de Pariz, e o antojo de querer ir representar em Inglaterra o papel de simples burguê, não são outra cousa mais do que a prova cabalissima de que o vencido de Waterloo já não era o Napoleão de Austerlitz, o Napoleão da Providencia.

A Europa estava desbravada; Napoleão já era portanto inutil.

Mas ainda assim não se cuide que o leão se sujeitou com a facilidade, com que se sujeita o cordeiro. O homem, que Deus fadára com tão grandioso condão, não devia cair como caiem os homens vulgares. Santa Helena ficou á Europa por um preço verdadeiramente usurário.

(*Continua*)